



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III - CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

**MAYANNE FRANÇOISE DOS SANTOS SILVA**

**A LITERATURA FANTÁSTICA NA NARRATIVA DE  
LYGIA FAGUNDES TELLES**

**GUARABIRA  
2020**

MAYANNE FRANÇOISE DOS SANTOS SILVA

**A LITERATURA FANTÁSTICA NA NARRATIVA DE LYGIA FAGUNDES TELLES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

**Área de concentração:** Literatura Brasileira  
**Orientadora:** Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva

**GUARABIRA  
2020**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586l Silva, Mayanne Francoise dos Santos.  
A literatura fantástica na narrativa de Lygia Fagundes Telles [manuscrito] / Mayanne Francoise dos Santos Silva. - 2020.  
35 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2020.  
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Literatura. 2. Teoria Literária. 3. Fantástico. 4. Conto. I.  
Título

21. ed. CDD 028

MAYANNE FRANÇOISE DOS SANTOS SILVA

**A LITERATURA FANTÁSTICA NA NARRATIVA DE LYGIA FAGUNDES  
TELLES**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao Departamento de  
Licenciatura Plena em Letras da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito à obtenção do título de  
graduando em Letras com habilitação em  
Língua Portuguesa.

Aprovado em: 07 / 12 / 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

*Rosângela Neres A. Silva*

Profª. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Clara B. de Almeida Vasconcelos*

Profª. Ma. Clara Mayara Vasconcelos (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (IFPB)

*Eduardo H. C. Valongos*

Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valongos (Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico esse trabalho aos profissionais da área que se dedicam para melhorar a educação do nosso país.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, Maria da Penha e Francisco Adelino, por todo o amor, apoio e por não me deixar desistir dos objetivos almejados. Aos meus irmãos, Madson, por todo o carinho, e especialmente a Matheus, por toda a ajuda, eu não conseguiria sem você.

À minha orientadora Rosângela Neres por toda a colaboração, por ter me acolhido quando tanto precisei, por ter acreditado que eu seria capaz de encerrar esse ciclo e por me mostrar que, mesmo durante um ano tão difícil como este, existem profissionais maravilhosos como você, que é um exemplo para todos que a conhecem.

Ao meu esposo Gleybson Justino da Silva pelo companheirismo e a paciência de sempre. Aos meus filhos, Gael e Maitê, por tornarem meus dias mais felizes.

À Deus pela vida que me concedeu, sem Ele nada seria possível.

“O bonito da história é a ambiguidade, a indecisão, a dúvida em relação à personagem. Esse tipo de literatura me apaixona e é isso que eu espero ter, em alguns contos, conseguido atingir.”

Lygia Fagundes Telles

## SUMÁRIO

|          |   |           |
|----------|---|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>8</b>  |
| <b>2</b> | <b>SOBRE A NARRATIVA FANTÁSTICA .....</b>                                   | <b>9</b>  |
| <b>3</b> | <b>O CONTO E A ESCRITA DE LYGIA FAGUNDES TELLES .....</b>                   | <b>15</b> |
| <b>4</b> | <b>O FANTÁSTICO EM LYGIA FAGUNDES TELLES .....</b>                          | <b>18</b> |
|          | <b>4.1 Revisitando os contos fantásticos de Lygia Fagundes Telles .....</b> | <b>18</b> |
|          | 4.1.1 As formigas .....   | 18        |
|          | 4.1.2 Venha ver o pôr-do-sol .....  | 20        |
|          | 4.1.3 Natal na barca .....  | 23        |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>25</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>26</b> |
|          | <b>ANEXOS .....</b>   | <b>27</b> |

# A LITERATURA FANTÁSTICA NA NARRATIVA DE LYGIA FAGUNDES TELLES

## THE FANTASTIC LITERATURE IN LYGIA FAGUNDES TELLES NARRATIVE

Mayanne Françâise dos Santos Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho pretende analisar alguns elementos constituintes da literatura fantástica em três contos da escritora Lygia Fagundes Telles, “As formigas” (2007), “Venha ver o pôr-do-sol” (2007) e “Natal na Barca” (2007), destacando a complexidade de delimitação do gênero fantástico. Os contos incluídos neste trabalho apresentam temas bastante relevantes para justificar a leitura fantástica proposta, tais como: sonho versus realidade, duplicidade, mistérios sem solução, transformações do tempo e do espaço e ambientes insólitos. A metodologia adotada neste estudo foi a pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo e dialético, buscando os aportes teóricos em livros, dissertações, artigos, revistas e jornais que tratassem do tema em foco. Como resultado, foi possível perceber, na obra de Lygia Fagundes Telles, determinados temas na esfera do fantástico e do mítico que se mostram frequentes nos contos, tais como reflexões acerca do tempo, da realidade, da existência, do infinito, do insólito.

**Palavras-chave:** Literatura. Teoria Literária. Fantástico. Conto.

### ABSTRACT

This work intends to analyze some constituent elements of fantastic literature in three short stories by the writer Lygia Fagundes Telles, “As formigas” (2007), “Venha ver o pôr-do-sol” (2007) and “Natal na Barca” (2007), highlighting the difficulty of delimiting the fantastic genre as most of the time, in different ways. The tales included in this work present themes that are quite relevant to justify the fantastic reading proposed, such as: dream versus reality, duplicity, unsolved mysteries, transformations of time and space and unusual environments. The methodology adopted in this study was bibliographic research, of a qualitative and dialectical character, looking for theoretical contributions in books, dissertations, articles, magazines and newspapers that dealt with the subject in focus. As a result, it was possible to perceive, in the work of Lygia Fagundes Telles, certain themes in the sphere of the fantastic and the mythical that are frequent in tales, such as reflections about time, reality, existence, the infinite, the unusual.

**Keywords:** Literature. Literary Theory. Fantastic. Tale.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras com habilitação em Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: mayanne.fss@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste trabalho é analisar alguns elementos constituintes da literatura fantástica nos contos “As formigas”, “Venha ver o pôr-do-sol” e o “Natal da Barca”, de Lygia Fagundes Telles, a partir da concepção teórica da literatura fantástica de Tzvetan Todorov, ressaltando o jeito singular com o qual a autora tece a particularidade desse gênero. A autora afina-se com o existencialismo, com recursos ligados ao estilo indireto livre e ao fluxo de consciência com o objetivo de expor as experiências interiores de suas personagens por meio da exploração minuciosa do inconsciente, qualidades estas que trazem à sua obra fluência e densidade.

Lygia Fagundes Telles é uma autora que escreve sobre as relações humanas de forma universal, adentrando nos sentimentos de seus personagens e nas obscuras relações entre vida e morte, fé e ceticismo, passado e presente, bem e mal.

Nesse sentido, para alcançar o objetivo deste estudo buscamos examinar a presença do fantástico nos contos “As formigas”, “Venha ver o pôr-do-sol” e “Natal na Barca”, de Lygia Fagundes Telles. Esses contos refletem elementos recorrentes na obra da autora, como a infinidade, o mistério, a magia, a irrealidade, o evento sobrenatural e a presença do duplo. Os enredos e os temas se constroem sobre a coexistência espaço-temporal, o que confere à obra uma atmosfera vaga, misteriosa, quase onírica. Notações espaço-temporais vagas ou inexistentes fundem-se inextricavelmente ao imaginário, ao abstrato. Paulatinamente, a trama de aparência realista se impregna do fantástico e do ambíguo sem, contudo, perder os contornos de verossimilhança estética.

Com base nesses elementos, esse estudo aborda, inicialmente, as concepções voltadas à narrativa fantástica, enquanto gênero literário, tendo como contexto a obra de Lygia Fagundes Telles, para só então proceder a análise dos três contos, apresentando características temáticas da narrativa fantástica, ilustrando com fragmentos do texto literário em estudo.

A metodologia adotada neste estudo foi a pesquisa bibliográfica, buscando os aportes teóricos em livros, dissertações, artigos, revistas e jornais que tratassem do tema em foco e análise crítica, considerando abordagens diversas de críticos literários e outros pesquisadores. Entretanto, devemos ressaltar que, apesar de ambicioso, trata-se de um estudo preliminar que deverá desdobrar-se e aprofundar-se em trabalhos futuros.

## 2 SOBRE A NARRATIVA FANTÁSTICA

O termo fantástico data do século XIV e vem do Latim *phantasticus* e do Grego *phantastikós* que, incorporado ao nosso léxico, adquiriu os seguintes sentidos: 1) que ou aquilo que só existe na imaginação, na fantasia; 2) que tem caráter caprichoso, extravagante; 3) que é fora do comum; extraordinário, prodigioso; 4) que não tem nenhuma veracidade; falso, inventado (HOUAISS,2001). Após vários séculos é que os contos ligados à temática do mistério, do sobrenatural e de fantasmas passaram a ser associados ao termo contos fantásticos, que hoje aparece também representado nos dicionários relacionado à rubrica literatura.

Quanto ao nascimento do fantástico, Rodrigues (1988) aponta em seu livro “O fantástico” a existência de diversas opiniões que se entrecrocavam, mas que podem ser classificadas, segundo suas afinidades, em duas principais. A primeira opinião concebe o fantástico como existente desde Homero e “As mil e uma noites”; a segunda opinião considera o nascimento do fantástico entre os séculos XVIII e XIX.

Segundo Volobuef (2000, p. 109-110), apud Silva e Lourenço (2010), tal gênero abandonou a sucessão de acontecimentos surpreendentes, assustadores e emocionantes para adentrar esferas temáticas mais complexas. Devido a isso, a narrativa fantástica passou a tratar de assuntos inquietantes para o homem atual: os avanços tecnológicos, as angústias existenciais, a opressão, a burocracia, a desigualdade social. Assim, o gênero fantástico deixou de ser apenas narrativa de entretenimento, pois “não cria mundos fabulosos, distintos do nosso e povoados por criaturas imaginárias, mas revela e problematiza a vida e o ambiente que conhecemos no dia-a-dia”.

Segundo Coalla (1994, apud VOLOBUEF, 2000, p. 111), o fantástico atravessou diferentes fases durante os séculos: no final do século XVIII e início do XIX, o gênero exigia a presença do sobrenatural, estando presentes monstros e fantasmas; no século XIX, passou a explorar o psicológico, inserindo nas narrativas a loucura, alucinações, pesadelos, para mostrar a angústia do interior do sujeito; no século XX, o fantástico passou a criar incoerência entre elementos do cotidiano. Dessa forma, é possível notar que o gênero fantástico não é estanque, está sempre evoluindo e aproximando-se de temas cada vez mais críticos. No entanto, sua característica mais importante é a aceitação dos fatos inexplicáveis pelo leitor como se fossem reais”. (SILVA e LOURENÇO, 2010)

Embora haja um número considerável de estudos sobre o fantástico, não há unanimidade nem quanto às obras que pertencem a este grupo, nem tão pouco quanto às suas

características. Contudo, todos parecem concordar num ponto: a temática sobrenatural (isto é, alheia ao consensualmente aceite como a realidade) está invariavelmente presente nos textos fantásticos.

Ao fazer uma retrospectiva crítica sobre obras acerca do fantástico, Furtado (1980) agrupa certos autores como analistas objetivos desta literatura, embora ainda encontre falhas nas suas observações, em especial por serem demasiado descritivas e pouco analíticas. O fantástico é, para o autor, um gênero da literatura que, à semelhança de todos os outros gêneros, partilha de muitas características gerais da literatura. Por esta razão, e embora o fantástico seja o motivo central da obra, o autor não deixa de focar outros gêneros, como o maravilhoso ou o estranho, e alerta para o fato de muitas das técnicas de construção utilizadas serem igualmente válidas para toda a literatura. Na sua obra, tenta explicar o modo como uma obra fantástica (mesmo que apenas tenha algumas características e não pertença ao gênero) é construída.

A narrativa fantástica é, afinal, muito menos emancipada a espontânea e muito mais limitada e convencional do que em regra deixa transparecer o falso libertarismo estético em que procura envolver-se. Com toda a obra intensamente invadida pelo verossímil, ela entrega-se a cada passo a um sem-número de normas, de esquemas, de códigos previamente definidos pela mentalidade dominante da época em que foi produzida e pelos seus reflexos literários cristalizados no gênero em que se inclui (FURTADO, 1980, p. 52).

Para Furtado (1980), “o fantástico mais do que qualquer outro gênero”, uma vez que procede por falsificação, escamoteando ou alterando dados necessários à decisão do destinatário do enunciado e procurando induzi-lo a uma cognição tão vaga e insegura quanto possível.

O fantástico é, pois, um jogo de escrita que oscila entre dois polos: o ser e o parecer, a certeza e a hesitação, o normal e o invulgar. O absoluto está fora das fronteiras narrativas de uma obra deste gênero, caracterizado por suscitar sentimentos de incerteza, dúvida, hesitação, ambiguidade. Estes sentimentos são conseguidos através de processos narrativos, semânticos e discursivos estudados até ao pormenor.

Atualmente diversos estudos atribuem a textos de autores contemporâneos a denominação de “textos fantásticos” ou “textos pertencentes à literatura fantástica”. No entanto, é preciso ressaltar que o termo fantástico em literatura possui diversas caracterizações que, inclusive, podem produzir contradições, já que a definição de fantástico mais comumente utilizada é a defendida por Tzvetan Todorov, autor do livro “Introdução à literatura

fantástica”, cuja teoria do fantástico sustenta que não é possível existir literatura fantástica a partir do século XX.

Todorov trabalha com três gêneros vizinhos: o fantástico, o estranho e o maravilhoso. No estranho temos obras que podem receber uma explicação absolutamente racional, sendo as mesmas de alguma forma inquietante, admiráveis. No ponto de vista de Todorov, é uma definição imprecisa. Todorov (2012) diz que “O maravilhoso que não se explica de nenhuma maneira” apresenta elementos sobrenaturais em sua narrativa, o leitor ou as personagens não reagirão a estes elementos.

Para esse teórico, nós, leitores, somos transportados para o âmago do fantástico na situação em que, pisando no solo de um mundo que conhecemos, um mundo prosaico às nossas vivências, sem anjos, demônios ou monstros, vemo-nos diante de um acontecimento impossível de esclarecer pelas leis desse mundo familiar. E, então, temos duas opções pela frente: ou tal acontecimento integra a nossa realidade, contudo esta é regida por leis que ignoramos. O gênero fantástico acontece em função dessa incerteza, que provoca o que Todorov designa como hesitação. Essa seria, pois, a condição fundamental para a existência do fantástico. Esmiuçando tal condição básica, o teórico búlgaro estabelece mais três condições para a constituição do fantástico na literatura.

Em primeiro lugar, é imprescindível que a narrativa obrigue ao leitor a avaliar o mundo das personagens como o seu mundo real, e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos eventos enredados. Em segundo lugar, essa hesitação pode ser também vivida por uma personagem, de tal modo que o leitor espelhe-se nas vivências insólitas da personagem, como num jogo de espelhos. Em terceiro lugar, é preciso que o leitor tome uma determinada atitude em relação à narrativa, devendo descartar “tanto a interpretação alegórica como a interpretação poética” (TODOROV, 2004, p. 39). A primeira e a terceira condição são imprescindíveis para a deflagração do fantástico na literatura, já a segunda, na visão de Todorov, pode ou não realizar-se. (GAMA-KHALIL, 2013, p. 20)

Não se pode perder de vista que, a literatura fantástica, enquanto gênero literário tem instigado várias abordagens críticas de, também, perspectivas variadas, sendo consenso entre os estudiosos clássicos de que ela se constitui da representação de eventos sobrenaturais em um ambiente regido por leis naturais. Entretanto, é Tzvetan Todorov (2003, p. 30), em “Introdução à literatura fantástica”, 1968, que apresenta a primeira definição do gênero.

Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções

possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós.

Assim, a primeira característica do fantástico é, segundo o autor, a promoção da escolha, pelo leitor, de uma ou outra solução: ilusão ou imaginação. Esse conflito, por sua vez, é traçado no cotidiano entre o sobrenatural e o mundo real. Não se pode perceber de vista que, um texto considerado fantástico se contrapõe-à realidade ou transgridem as leis de casualidade e da racionalidade, sem necessariamente estarem envoltos a uma atmosfera de terror e medo.

Percebe-se na teoria de Todorov (2003) que o fantástico é definido com relação aos conceitos de real e imaginário, consistindo, em especial, na hesitação de um leitor implícito frente a um acontecimento sobrenatural que não tem como ser explicado pelas leis naturais, mantendo a dúvida de sua origem até o fim da narrativa, “o fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um aparentemente sobrenatural”. Nesse caso, poderá ser que no final do texto o acontecimento receba uma explicação sobrenatural, configurando a narrativa como maravilhosa.

No fantástico, o universo em que as personagens existem e se movem rege-se pelas mesmas categorias das do universo, o qual comumente tomamos por real. As suas coordenadas não são substituídas por nenhuma outras, para além das que conhecemos de fato. O acontecimento aparentemente anormal brota num mundo regido pelas nossas leis e, apesar de estranho, nunca é chamado pelo seu verdadeiro nome, pois o discurso do narrador envolve os acontecimentos num véu que jamais é totalmente descoberto. Assim, há um eterno clima de ambiguidade que mantém viva a indecisão do leitor.

Nesse sentido, o fantástico tem de propiciar um ambiente de aparente normalidade, capaz de preparar a credibilidade dos leitores para uma ocorrência de aparência estranha, evitando assim que, de imediato, se gere um clima de desconfiança que conduziria a uma atitude de recusa da veracidade do que, já da sua própria natureza, parece impossível de aceitar.

Por outro lado, nada nos compele a aceitar a existência de um universo paralelo ou que substitua em parte o nosso. Contudo, há algo que aparentemente sobressai da normalidade e que, dentro da narrativa, não tem explicação racional ou aceitação sensorial inequívoca. Se, acaso, esta ocorrência ocupasse quantitativamente uma maior porção da narrativa, poderíamos

pôr em causa a natureza do universo e seríamos levados a crer que aquele que conhecemos o real, teria sido substituído por outro.

No gênero fantástico tem de permanecer sempre uma dialética sutil entre duas hipóteses interpretativas: ou a verdade ou a ilusão de um acontecimento aparentemente estranho. Se se provasse ou desmentisse numa das hipóteses a dialética seria quebrada e o delicado equilíbrio entre as duas opções desmoronaria para um dos lados; a hesitação e a indecisão desapareceriam e dariam lugar ou a uma explicação racional, passando o gênero a ser estranho, ou à aceitação de um universo de categorias diferentes, quando o gênero passaria a ser maravilhoso.

É válido salientar que mais do que apenas reproduzir a larga discussão sobre o fantástico desde suas primeiras discussões até nossos dias, é necessário discutir como ele se manifesta atualmente e analisar em que se transformou:

Todorov (2003) defende que a literatura fantástica deve ser analisada a partir de três aspectos do sobrenatural: o pragmático, o sintático e o aspecto semântico, independente de toda determinação histórica. Quanto ao primeiro aspecto, o sobrenatural emociona, assusta, ou simplesmente mantém em suspense o leitor; no segundo, relaciona-se ao desenvolvimento da narrativa e, no terceiro aspecto, o sobrenatural constitui sua própria manifestação, é uma autodesignação.

O sobrenatural fantástico, por sua vez, alude ao mistério e ao medo porque vai de encontro à ideologia vigente no momento histórico, no qual surgiu. Na Europa do século XVII vigorava a concepção científica de ordem racional que se fazia necessária à explicação dos fenômenos; ainda triunfava o determinismo estrito de um encadeamento de causas e efeitos, incompatível com a ocorrência do milagre. O acontecimento insólito causa ruptura ao pensamento da época, remetendo ao misterioso, porque não pode ser comensurado pelas verdades científicas, e provoca o medo diante do inexplicável e do desconhecido.

Para Lovecraft, o critério do fantástico não se situa na obra, mas na experiência particular do leitor; e essa experiência deve ser o medo. “A atmosfera é a coisa mais importante pois o critério definitivo de autenticidade [do fantástico] não é a estrutura da intriga, mas a criação de uma impressão específica. (...) Eis por que devemos julgar o conto fantástico não tanto em relação às intenções do autor e os mecanismos da intriga, mas em função da intensidade emocional que ele provoca. (...) Um conto é fantástico muito simplesmente se o leitor experimenta profundamente um sentimento de temor e de terror, a presença de mundos e poderes insólitos”. (TODOROV, 2010, p. 40)

Além disso, outro aspecto que torna interessante a análise teórica do fantástico é o fato de que a teoria do fantástico teve grande influência na produção literária dos autores fantásticos, como poderemos constatar mais adiante ao discutir alguns contos de Lygia Fagundes Telles.

Enfim, na atualidade, existem duas tendências predominantes em relação à literatura fantástica. A primeira delas reduz o fantástico, definindo-o somente como gênero literário e que se limita em termos históricos e apenas algumas obras e escritores do fim do século XVIII e XIX, preferindo referir-se ao fantástico como “literatura fantástica do romantismo europeu”. Já a segunda tendência, pelo contrário, alarga imensamente o fantástico, não impõe limites históricos e nem de gênero, incluindo contos de terror, novela gótica, fantasia, ficção científica, contos de mistério, entre outros (CESERANI, 1999, p. 13).

## 2.1 O tempo e o espaço no gênero fantástico

Caracterizar o tempo e o espaço, entre outros elementos, de maneira a levar os leitores a considera-los familiares no seu universo é um artifício narrativo que contribui para a criação de um clima de verossimilhança e de aceitação dos sucessos narrativos. É um processo comum levar os leitores a identificar o tempo em que a narrativa se enquadra com uma época histórica real inserindo, por exemplo, referências que um qualquer leitor medianamente culto saiba localizar temporalmente.

De acordo com Todorov (2003, p. 126), “o tempo e o espaço do mundo sobrenatural [...] não são o tempo e o espaço da vida cotidiana”, pois o sobrenatural provoca a interpenetração do mundo físico no espiritual e vice-versa, o que rompe com os limites entre o sujeito e seu objeto.

Uma outra solução utilizada na literatura fantástica é a de responsabilizar outro pela narração. Uma das possibilidades que o narrador tem é a de apresentar a narração em que cita outro narrador, alegando estar a transcrever uma história contada de geração em geração ou o que leu num manuscrito anônimo e perdido. A base documental, seja ela real ou forjada, afirmada pelo narrador, é um elemento de verossimilhança: o leitor tem uma inclinação em crer em livros antigos, de autores anônimos, escritos em línguas não existentes de fato. Para além do documento, outras autoridades igualmente respeitáveis são as personalidades de vulto cultural e literário, conhecidas pelo grande público, ou tão somente personagens da sua própria narrativa que, devido ao seu estatuto na sociedade representada, se afiguram como fontes idôneas em cuja palavra se acredita.

Quanto ao espaço, Filipe Furtado classifica-o em dois tipos de cenário predominantes, aquele que denomina de cenário realista caracterizado por sua normalidade, isto é, o cenário do cotidiano das personagens comuns, e o cenário alucinante em que deparamos com uma inversão da normalidade e onde impera uma desordem devido à existência de elementos estranhos.

Assim, numa primeira fase de narração é provável encontrarmos descrições de casas de habitação familiar, de ambientes saudáveis, cidades e terras onde a vida decorre sem surpresas. O acontecimento estranho conturba este tipo de ambiente e, muito embora possa surgir integrado neste espaço, o mais comum é fazer o protagonista ir ao encontro do insólito fazendo-o deslocar-se a um local desertificado, enclausuramento e de impossibilidade de fuga e de liberdade que o levem a acreditar estar em presença de mundos diferentes que duvidamos serem reais.

### **3 O CONTO E A ESCRITA DE LYGIA FAGUNDES TELLES**

Lygia Fagundes Telles nascida em 1923 é uma das maiores romancistas e contistas da literatura brasileira. Em 2016, aos 92 anos, é a primeira mulher brasileira a ser indicada ao Prêmio Nobel de Literatura, e carrega o título de “maior escritora brasileira viva” e também “a dama da literatura brasileira”.

Lygia passou a sua infância em várias cidades do interior, seu interesse pela literatura iniciou na adolescência e aos quinze anos publicou seu primeiro livro, *Porão e Sobrado*. Formou-se em Educação Física e em Direito, mas sua paixão é a literatura. Sua estreia oficial na literatura ocorreu com a publicação da coletânea de contos *Praia Viva*, em 1944.

O estilo de escrita de Lygia Fagundes Telles é ficcional, conversando sempre com o existencialismo, surrealismo e expressionismo. A escritora aborda os mais diversos temas em suas obras: fala sobre o amor, a morte, o medo, a política e a loucura.

Telles é uma das maiores representantes do movimento pós-modernista no Brasil. Seu estilo literário é caracterizado por explorar a psicologia feminina, por representar a vida nos centros urbanos e criar um simbolismo sobre a figura masculina em relação ao poder e status.

Em uma conferência realizada na Academia Brasileira de Letras (ABL), Vera Maria Tietzmann Silva, afirma:

“Dona de um estilo personalíssimo, ela se vale largamente das imagens simbólicas, responsáveis em grande parte pela universalização e densidade de suas tramas. Repetem-se imagens de fontes, jardins, rosas, estátuas, tapeçarias, gatos, sótãos, espelhos, escadas, todas

elas imagens portadoras de sentidos que ultrapassam o meramente denotativo. Transpostas, muitas vezes, para o domínio do devaneio ou do sonho, chamam a atenção sobre si mesmas e desafiam o leitor a interpretá-las” (SILVA, 2009).

Tietzmann resume a grandeza da diversidade de temas expostos nas obras de Lygia, que é capaz de transitar entre os mais diversos aspectos literários com maestria.

Os textos de Lygia costumam explorar o universo íntimo e angustiado do indivíduo universal. O uso do discurso em primeira pessoa ou do discurso em terceira pessoa com intrusões de discurso em primeira ou devaneios, são índices de uma abordagem intimista.

Em um artigo publicado no Jornal Opção, em 2016, Kelio Junior Santana Borges, pesquisador da vida e obra de Lygia F. Telles, afirma:

Para escrever, a escritora assume a identidade e a função de um arqueólogo, perquirindo os subterrâneos da essência humana. Cada vez mais fundo, ela promove uma investigação insistente dos anseios que norteiam nossa existência íntima e coletiva, especialmente nas nossas relações uns com os outros; ela realiza uma sondagem minuciosa e ousada, sempre dissimulada por um discurso sublime e requintado. Nesta perquirição do misterioso indivíduo humano, a escritora lança mão de recursos estilísticos que marcam todo seu tecido textual, tornando-os uma espécie de constantes simbólicas que se repetem nos enredos, nos temas, nas estruturas e na linguagem de seus textos. (BORGES, 2016)

É indiscutível a paixão que a escritora demonstra pela ambiguidade em suas obras, esse traço estético enriquece o enredo de suas narrativas e encanta os seus leitores. Como cita Silvano Santiago:

A voz narrativa ganha peso ao oscilar entre a verdade e a mentira, a memória e a imaginação, o feminino e o masculino, a sanidade e a loucura, o humano e o animal. Ela muitas vezes se deixa contaminar por uma segunda narrativa, exterior a ela [...]. Na contaminação, perfazem as duas vozes narrativas uma única. Tudo o que é uno é duplo, tudo que o que é duplo, é uno, daí o gosto pelas ambiguidades. (SANTIAGO, 1998, p. 100-101).

Nos romances de Lygia, a maioria das personagens principais são mulheres, donas de comportamentos marcantes e de um psicologismo intenso. A escritora trabalha essas personagens de maneira singular: são personagens misteriosos e complexos, marcados pela reflexão e pela fragilidade, mas também pela inquietação.

Ainda que as mulheres retratadas vivenciem realidades, muitas vezes, tipicamente femininas, o cerne de seus conflitos são resultado da condição humana em si, são dilemas que transcendem as noções de gênero e de sexo. A sensibilidade feminina é só um prisma a partir do qual são explorados os mais profundos dramas da existência humana. Este ponto de vista

da mulher apenas intensifica a forma com que a morte, a velhice, o amor, o inexplicável, a angústia do existir e o estar no mundo são experienciados. (BORGES, 2016)

No artigo Hora de tirar o espartilho, Alva Martinez Teixeira indica que, se tratando das obras de Telles, “não existem as mulheres boas ou más, as mulheres submissas, depravadas ou emancipadas, pois a condição e a identidade feminina são muito mais complexas do que isso” (2016, p. 114).

Em relação ao universo feminino, Lygia mostra em suas obras ser uma autora contemporânea e atemporal, apresentando a mulher como um ser que possui direitos e defeitos, e também as mostra como ser complexo e profundo.

A temática amorosa também se apresenta de forma ímpar em diversas obras de Lygia, a escritora não se detém em dissertar apenas sobre o amor romântico a que estamos acostumados a ver, mas, nos revela esse sentimento através de diferentes ângulos em sua literatura. Borges (2016) diz que “pode-se dizer que seja esse (o amor) o tema central da ficção de Lygia. Porém não se trata do amor sensível e belo como acontece nos “romances de mocinhas”. Nas narrativas lygianas, o sentimento do amor pode causar comportamentos e posturas não tradicionais, podendo trazer consigo elementos como assassinato, mentira, suicídio, traição e vingança.

Tais elementos podem ser observados em diferentes obras da autora, como por exemplo os contos “O moço do saxofone”, onde um jovem mata a si mesmo a pedido de sua amada, “Venha ver o pôr do sol”, onde por amor Ricardo mata Raquel, e, “Pomba enamorada ou uma história de amor” onde temos um caso de amor platônico e obsessivo não correspondido que durou a vida inteira da protagonista.

Um sentimento bem oposto ao amor é o sentimento de medo e o mesmo é tema constante nos textos da escritora brasileira. O sentimento de medo é marcado pelo sobrenatural, pelo terror e pelo fantástico. BORGES (2016) aponta que o conceito de fantástico não se encontra estendido a qualquer manifestação sobrenatural; ele é, na realidade, um choque entre dois mundos distintos: o que vivemos [...] e outro desconhecido de leis e existências misteriosas.

Nas narrativas lygianas encontramos o mistério e segundo Finazzi-Agro (2019) “tudo aquilo que deveria acontecer não acontece, e, pelo contrário, pode ocorrer aquilo que não é esperado”. A verdade não existe, fica por conta da imaginação do leitor. O sentimento de dúvida, medo e ambiguidade não deixam claro a solução para os fatos.

Considero o meu trabalho de natureza engajada, ou seja, comprometido com a nossa condição nesse escândalo das desigualdades sociais. Quase peço desculpas ao leitor quando

ele me faz perguntas sobre a criação literária – ah, sempre o mistério que não tem explicação, nem o mistério nem o ser humano. Participante deste tempo e desta sociedade, tento mostrar as chagas desta sociedade – é o que posso fazer. Então fico assim constrangida quando se queixam, eu devia passar mais esperança para o leitor, não? Portanto agora, é possível ser otimista diante de tamanha crueldade? De tamanho desamor? (Telles, 2002, p. 90)

## **4 O FANTÁSTICO EM LYGIA FAGUNDES TELLES**

O fantástico na obra de Lygia Fagundes Telles permite a dualidade natureza versus sobrenatureza ocorrendo assim uma dupla fratura na racionalidade, assim exposto por Lucas (2000, p. 15):

É comum na sua ficção que o sobrenatural se misture à ordem secular das coisas, como se não houvesse distância entre o real e o surreal. Fantasias secretas, noturnas e diurnas, encontram expansão no seu texto, enfatizando ora a vida, ora a morte. (...) O racional se entrelaça com a rotação do insólito, do maravilhoso e das propriedades mágicas. A lógica do real se apresenta em estado de transe.

A autora, através da verossimilhança que a narrativa fantástica se constrói utiliza da alegoria para representar pensamentos, ideias e qualidades sob forma metafórica, em que cada elemento funciona como disfarce dos elementos da ideia representada, resignificando-a.

Segundo Castello (1999, p. 473), Lygia Fagundes Telles, “[...] utiliza recursos da metamorfose e do fantástico, explora o terror, a que se associa a loucura. Concomitantemente se faz presente a temática da morte”, o sentimento do medo e do horror. Além disso, Lygia recorre a temas como o duplo, o sonho, a loucura e a solidão, que representam o lado obscuro de seus personagens e ultrapassam o limite entre o real e o irreal para revelar desejos ocultos.

Quanto ao espaço, a autora elegeu o cenário urbano e fragmentado que serve de pano de fundo para as complicadas relações humanas sendo este um dos traços característicos da sua prosa.

### **4.1 Revisitando os contos fantásticos de Lygia Fagundes Telles**

#### **4.1.1 As formigas**

O conto “As formigas” – narrado na primeira pessoa, por uma das protagonistas – relata a história de duas primas que vivem uma experiência insólita. Duas estudantes, uma de

Direito, outra de Medicina, ao procurarem um lugar para morar, encontram um velho sobrado com um quarto pra alugar. Por questões financeiras veem-se obrigadas a aceitar a velha pensão como moradia. Ao chegarem em frente ao sobrado elas se sentem incomodadas com a sua aparência tenebrosa e sombria: “Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada” (TELLES, 2007, 143)

Ambas hesitam em entrar nele: “- É sinistro! Ela me impeliu na direção da porta. Tínhamos outra opção?” (TELLES, 2007, 143). Enfim entraram. Encontraram com a estranha dona da pensão que faz um sinal para que elas a sigam. Elas passam por uma “saleta atulhada de móveis velhos e desparelhados”, sobem por uma “escada em formato de caracol” que leva até o sótão, onde se localiza o quarto que, como veremos, será o palco dos acontecimentos sinistros. Segundo Silva (1985, p. 83),

Seus degraus, que sempre supõem movimento, seja ascendente ou descendente, têm o valor simbólico de gradação e da passagem de um nível existencial ou psicológico para outro. A passagem implica em ruptura, por isso, simbolicamente, a escada contribui para a criação da atmosfera propícia aos acontecimentos insólitos.

Neste local, bastante simples e muito pequeno, está o motivo de todo o mistério que está por se apresentar: um caixote com ossos, coberto com um plástico, contendo o esqueleto de um anão. A velha informa as primas sobre um objeto bastante peculiar que havia sido esquecido pelo inquilino anterior que, por coincidência, também era estudante de Medicina: um caixotinho de ossos que era de propriedade de um inquilino anterior que deixou a futura médica fascinada: “- Um anão. Raríssimo, entende? E acho que não falta nenhum ossinho, vou trazer as ligaduras, quero ver se no fim de semana começo a montar ele.” (TELLES, 2007, p. 144).

Mas a informação da mulher não tem grandes detalhamentos. Assim que a dona do sobrado desce a escada, a narradora passa a arrumar o quarto para que este pareça “mais alegre”. Para isso ela prende uma gravura de Grassman na parede enquanto a prima troca uma lâmpada fraquíssima por outra de duzentas velas. A estudante de medicina ainda está entusiasmada com o presente que ganhara da dona da pensão.

A moça examina uma vértebra. Acha que o esqueleto está completo e quer montá-lo num futuro próximo. Após o término da arrumação do quarto, que terminara tarde da noite, elas jantam. E é nesse momento que ocorre a primeira manifestação estranha e que funciona como um primeiro indício de evento sobrenatural posterior: a presença de um “cheiro meio ardido” que vinha não se sabe de onde.

Na primeira noite tem início o fenômeno meta-empírico. A estudante narradora sonha com um anão que entra no quarto fumando charuto, senta na cama da prima vendo-a dormir. Ao acordar, a narradora vê a prima olhando formigas que “apareceram de repente”.

Um cheiro estranho e desconhecido configura um dos “sinais” do acontecimento insólito. Depois dele vinham as formigas que “atravessaram o quarto, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar”. (TELLES, 2007, p. 145)

A prima nota que, após o desaparecimento das formigas, o esqueleto já não estava na mesma posição em que fora colocado, e suspeita que alguém tivesse mexido ali.

O cheiro torna a repetir-se na noite seguinte, e a narradora tem a impressão de que este não “parecia um cheiro assim inocente” (TELLES, 2007, p. 147). Após observarem atentamente o movimento das formigas, e o interior do caixote, instala-se nas moças, a certeza de que o esqueleto do anão estava, de fato, “pouco a pouco se organizando”.

Durante três noites consecutivas, esses acontecimentos estranhos se repetem: primeiro, o cheiro suspeito; depois, o aparecimento das formigas e, por último, a constatação da metamorfose do anão. As formigas “só atacam de noite, antes da madrugada”, desaparecem durante o dia, têm um caminho só de ida “a desformigar lá dentro” do caixote e são muito suspeitas. A ambiguidade só aumenta. Quem estaria montando o esqueleto? Seriam as formigas ou algum ser sobrenatural que se utiliza delas? As moças suspeitam de “alguém do ramo”:

Agora é a coluna vertebral que já está quase formada, uma vértebra atrás da outra, cada ossinho tomando seu lugar, alguém do ramo está montando o esqueleto, mais um pouco e... (TELLES, 2007, p. 148).

Na terceira noite, vendo que o esqueleto estava quase completo, as moças, assustadas, fogem, não sem antes arrancarem e carregarem consigo a gravura que tinham colado na parede. Era madrugada e, da rua, elas ouvem um som vindo da casa. Seria o miado do gato da dona da pensão, ou seria um grito, questiona a narradora. Sua pergunta fica sem resposta.

#### 4.1.2 Venha ver o pôr-do-sol

“Venha ver o pôr-do-sol” é considerado um dos contos mais famosos de Lygia Fagundes Telles. No conto é narrada a história de Ricardo e Raquel, ex-amantes. Raquel, certo dia, recebe o convite para um encontro para terminar o relacionamento dos dois.

Depreende-se do texto que ela o abandonou por um homem mais rico, capaz de lhe suprir necessidades materiais.

Ricardo é descrito como “esguio e magro [...], cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante” (TELLES, 2007, p. 125). Raquel, segundo palavras de Ricardo, aparece bastante mudada, mais elegante, fumado “cigarrinhos pilantras” e não usando mais os “sapatos de sete léguas” que costumava usar quando namoravam.

Ricardo, magoado, a convida para um encontro em um cemitério abandonado, afirmando que, em uma das tumbas, repousam os restos mortais de sua prima Maria Emilia, namoradina de infância. Raquel é atraída para o interior da catacumba e constata que foi enganada, pois a menina havia sido enterrada há mais de cem anos. Percebe, então que Ricardo a trancara no claustro. Grita desesperada, mas o rapaz a abandona e sai do cemitério fumando calmamente um cigarro. Enredo típico das histórias de terror.

Apesar da luminosidade do entardecer, as personagens Raquel e Ricardo estão em um cemitério abandonado e esse abandono se traduz em imagens lúgubres, o que mostra a hostilidade do lugar. “Muro arruinado”, “portão de ferro, carcomido pela ferrugem” e “cemitério abandonado” são imagens que ajudam a compor o cenário do conto e a criar o clima de mistério.

O mato rasteiro dominava tudo. E não satisfeito de ter-se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrara-se ávido pelos rachões dos mármore, invadira as alamedas de pedregulhos esverdeados, como se quisesse com sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios de morte (TELLES, 2007, p. 125).

Os diálogos entre os protagonistas passam a ideia de que o leitor está vivenciando as ações juntamente com eles e no momento em que acontecem, o que auxilia a dinâmica do conto.

Ricardo tenta explicar à Raquel as razões de sua escolha, no mínimo, inusitada: ele está mais pobre, agora vive em uma pensão horrenda cuja dona é uma megera, está sem dinheiro e este é um passeio “de graça e muito decente”, até romântico, além disso, por ser extremamente isolado, o risco de que o novo namorado viesse a descobrir sobre o encontro era quase nulo.

Durante o passeio Ricardo antecipa o desfecho do conto em um comentário: “Esta a morte perfeita, nem lembrança, nem saudade, nem o nome sequer. Nem isso” (idem, p.129). O tempo vai passando, os dois continuam a andar até que Raquel se inquieta e perde a paciência com o rapaz, quer ir embora a qualquer custo.

Ricardo reclama que a boa vida a deixou preguiçosa. Já estão se aproximando do jazigo que ele diz ser de sua família e é então que ele começa a relatar a história de sua prima.

Ricardo conta, ainda, que ele e sua prima costumavam passear de mãos dadas naquele cemitério aos domingos, quando iam com a mãe dele arrumar a capelinha da família na qual estava enterrado seu pai. Acrescenta que a prima morreu aos quinze anos e que, por coincidência, tinha os olhos verdes extremamente parecidos com os de Raquel, “assim meio oblíquos, tão brilhantes” (TELLES, 2007, p. 130).

Como em outros contos, ocorre um prenúncio de que o clímax do conto está próximo, “Um pássaro rompeu o cipreste e soltou um grito. Ela estremeceu.” (idem). Os jovens chegam na capelinha. O local está completamente abandonado há tempos.

Ricardo convence Raquel a descer a escada e ir até a cômoda de pedra onde ficam as gavetas para que ela confirme a semelhança de seus olhos com os da prima Maria Emilia. Em seguida, Ricardo acende um fósforo para apagar a escuridão e auxiliar o reconhecimento:

Mas está tão desbotado, mal se vê que é uma moça... – Antes da chama se apagar, aproximou-se da inscrição feita na pedra. Leu em voz alta, lentamente. – Maria Emilia, nascida em vinte de maio de mil e oitocentos e falecida... – Deixou cair o palito e ficou um instante imóvel – Mas essa não podia ser sua namorada, morreu há mais de cem anos! Seu menti... (TELLES, 2007, p. 131)

Raquel imagina a princípio que tudo não passa de uma brincadeira de mau gosto do ex-namorado, porém ele se despede, as rugas em redor dos seus olhos aparecem novamente e ele já não sorri. Em vão, a moça implora que ele abra a fechadura, que esta “nova em folha”, comprovando que tudo havia sido premeditado. O conto se encerra com um:

[...] grito medonho, inumano: - NÃO! (...) gritos que se multiplicaram, semelhantes ao de um animal sendo estraçalhado. Depois, os uivos foram ficando mais remotos abafados como se viessem das profundezas da terra. [...] Nenhum ouvido humano escutaria agora qualquer chamado. (TELLES, 2007, p. 133)

Ricardo, por sua vez, não dá mostras de arrependimento; ao contrário: sente-se feliz ao praticar o ato de vingança. A ex-namorada havia encontrado um outro homem mais endinheirado do que ele: “Assim que atingiu o portão do cemitério, ele lançou ao poente um olhar mortiço. Ficou atento. (...) acendeu um cigarro e foi descendo a ladeira. Crianças ao longe brincavam de roda” (TELLES, 2007, p. 131).

Ricardo, protagonista de *Venha ver o pôr-do-sol*, parece ter planejado sua vingança com bastante antecedência, pois leva Raquel a um lugar afastado. Durante a conversa dos dois

sobre o fim do relacionamento e sobre outros assuntos, ele dá mostras de sua crueldade e deixa entrever, nas entrelinhas, sua ironia com relação a morte:

Mas é esse abandono na morte que faz o encanto disto. Não se encontra mais a menor intervenção dos vivos, a estúpida intervenção dos vivos. Veja – disse apontando uma sepultura fendida, a erva daninha brotando insólita de dentro da fenda – o musgo já cobriu o nome da pedra. Por cima do musgo, ainda virão as raízes, depois as folhas. Esta a morte perfeita, nem lembrança, nem saudade, nem o nome sequer. Nem isso. (TELLES, 2007, p. 127)

Ricardo fala sobre a morte de maneira bastante sarcástica, demonstrando intenção de assustar Raquel, que, realmente começa a se sentir incomodada por estar no cemitério. A todo o momento, ele parece querer deixar Raquel com mais e mais medo, até que ela decide ir embora, mas rapidamente ele a tranca na catacumba, apenas exprimindo um sarcástico “Boa-noite, meu anjo”. (TELLES, 2007, p. 131)

Nesse ponto, o desfecho do conto apresenta uma atmosfera macabra: Ricardo mata por prazer e vingança.

#### 4.1.3 Natal na barca

O conto Natal na barca possui um narrador autodiegético, que conta sua história filtrada a partir de suas percepções: “Não quero nem devo lembrar aqui por que me encontrava naquela barca. Só sei que em redor era tudo silêncio e treva”. (TELLES, 2007, p. 105). O narrador do conto relata suas experiências como personagem principal da história. Não há uma caracterização do personagem que conta a história, a única informação que se tem é a de que se trata de uma mulher de idade não-definida, que relata um momento de sua vida: em uma noite de Natal, viajam, em uma barca que navegava por um rio não-nomeado, quatro passageiros: a narradora, um velho bêbado e uma mulher que está com uma criança de colo. Não sabemos a razão da viagem da narradora: “Só sei que em redor era tudo silêncio e treva. E que me sentia bem naquela solidão” (TELLES, 2007, p. 105).

A narradora, logo no início da viagem, pensa em puxar conversa com a mulher, porém só quase ao final, é que iniciam uma conversa. Nela, a mãe da criança conta um pouco sobre sua triste vida: está indo consultar um médico especialista porque seu filhinho está doente, conta que seu primogênito morreu ano passado com pouco mais de quatro anos e também que seu marido a havia abandonado para viver com uma antiga namorada. Apesar de sentir vontade de ficar só naquela noite “sem lembranças, sem piedade”, a protagonista não

consegue evitar a criação de laços (“os tais laços humanos”) com aquela pobre mãe tão sofrida. Durante a conversa, a mulher faz diversas referências à sua fé em Deus para superar os mais diversos problemas. Assim como o personagem bíblico Jó, que perdeu todos os bens, os filhos e teve o corpo coberto por chagas, a mulher não se rebela contra Deus e mantém sua fé.

No decorrer da narração, ela percebe que a criança no colo da mãe havia morrido: “O menino estava morto. Entrelacei as mãos para dominar o tremor que me sacudiu. A mãe continuava a niná-lo, apertando-o contra o peito. Mas ele estava morto” (TELLES, 2007, p. 109). Com horror, ela se despede, quer fugir antes que a mãe perceba o que aconteceu, mas, para sua surpresa, o bebê estava apenas dormindo. Ao chegarem à outra margem do rio, as mulheres se despedem e o conto se encerra.

Para Ribeiro (2008), restaram indagações ao leitor, como por exemplo: teria ocorrido um milagre de Natal e a criança doente teria ressuscitado? O menino teria morrido ou seria apenas uma impressão da narradora? Para a autora, o fato é que este acontecimento afeta a visão de fé da protagonista.

É importante assinalar que a focalização no conto Natal na barca classifica-se em fixa, uma vez que é somente o ponto de vista da protagonista-narradora que conta. Apesar de a história da mulher com a criança de colo ser contada também (aliás, sabe-se mais dessa mulher do que a narradora), o leitor apenas toma conhecimento de seus infortúnios porque a narradora escolhe o que contar. Por exemplo, quando as duas mulheres conversam, a narradora tem absoluta certeza de que o filho da mulher está morto, mas não revela ao leitor como chegara a essa conclusão.

Assim, compete ao leitor ou acreditar em seu relato ou refutá-lo, pois ela, em momento algum, dá pistas de como pode ter tanta certeza assim do ocorrido.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sobrenatural, o medo, o tempo, o infinito, o inexplicável são temas que muito instigam o espírito humano. O trabalhar com Lygia Fagundes Telles é um profundo mergulhar na intensidade e nos conflitos de um espírito verdadeiramente humano.

Este estudo se propôs a examinar a presença do fantástico nos contos “As formigas”, “Venha ver o pôr-do-sol” e “Natal na barca”, de Lygia Fagundes Telles. Como foi anunciado na introdução, nos capítulos analisamos, respectivamente, o gênero narrativo, o fantástico e cada um dos contos que compõem nosso corpus.

A análise postulada nesse trabalho não teve a pretensão de proporcionar um novo enfoque sobre o trabalho da autora, mas sim analisar sua recorrência do fantástico, do sobrenatural, problema do tempo e do insólito; elementos constituintes da literatura fantástica e vislumbrada, através da arte literária.

Lygia Fagundes Telles convida o leitor a participar ativamente de seus textos, retomando a ambiguidade, marca necessária para o fantástico.

Após concluídos o enfoque a respeito do tema proposto, pode-se assegurar que os contos analisados enquadram-se naquilo que Todorov (2003) pontuou em sua explanação sobre o texto fantástico. O fantástico ocorre nos contos a partir de condições citadas pelo autor e que foram satisfeitas na sua tessitura: a narrativa tende a fazer com que o leitor hesite entre uma explicação sobrenatural ou racional, uma vez que é possível enquadrar as personagens no mundo dos seres reais.

Apesar de estarmos convencidos de que os contos selecionados para este trabalho são, de fato, exemplares para comprovar a dimensão do fantástico na ficção lygiana, não estamos certos de termos explorado todas as possibilidades de fantástico que os textos analisados oferecem.

Desse modo, os contos analisados nesse trabalho, e tantos outros que não foram citados, conduzem-nos, de fato, para um mundo fantástico onde desembarcamos surpreendidos, simultaneamente dentro e fora de nós próprios. Mas esse misterioso e secreto universo é o nosso, um labirinto tão inextricável que não é possível parar de afirmá-lo e de tentar compreendê-lo na obra de Lygia Fagundes Telles.

Por fim, esperamos que este estudo constitua mais uma contribuição não só para ampliar o debate sobre o fantástico na obra de Lygia Fagundes Telles, mas também para um maior conhecimento da produção literária da autora.

## REFERÊNCIAS

BORGES, Kelio Junior Santana. O vasto universo ficcional de Lygia Fagundes Telles. **Jornal Opção**, Goiânia, ed. 2126, 02 abr. 2016.

FINAZZI-AGRO, Ettore. Amor, humor e terror na ficção de Lygia Fagundes Telles. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 56, p. 1-21, 31 jan. 2019.

FURTADO, Filipe. **A construção do Fantástico na Narrativa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. A Literatura Fantástica: Gênero ou Modo?. **Terra roxa e outras terras: Revista de Estudos Literários**, Londrina, v. 26, n. 1, p. 18-31, Dezembro. 2013. Disponível em: [http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/index.php?option=com\\_content&task=view&id=55&Item=75](http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/index.php?option=com_content&task=view&id=55&Item=75) Acesso em: 24 nov. 2020.

RODRIGUES, Selma Calazans. **No labirinto do fantástico**. Babilônia. Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução, nº 001. Lisboa, Portugal: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 2003, p. 95-102. Disponível em: <http://www.redalyc.uamex.mx/redalyc/pdf/561/56100108.pdf>. Acesso em: 26 maio 2012.

SILVA, Luis Cláudio Ferreira; LOURENÇO, Daiane da Silva. O Gênero Literário Fantástico: Considerações teóricas e leituras de obras estrangeiras e brasileiras. In: V ENCONTRO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - EPCT, Campo Mourão - PR. **Anais eletrônicos...** Campo Mourão: FECILCAM/NUPEM, Outubro, 2010. Disponível em: [http://www.fecilcam.br/nupem/anais\\_v\\_epct/trabalhos\\_completos/linguistica-letras-e-artes.html](http://www.fecilcam.br/nupem/anais_v_epct/trabalhos_completos/linguistica-letras-e-artes.html) Acesso em: 24 nov. 2020.

TEIXEIRO, Alva Martínez. Hora de tirar o espartilho - A problemática feminina nos contos de Lygia Fagundes Telles. **Navegações**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 112-117, 26 abr. 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/25525> Acesso em: 24 nov. 2020.

TELLES, Lygia Fagundes. **Venha ver o pôr-do-sol e outros contos**. São Paulo: Ática, 2007.

\_\_\_\_\_. **Seminário dos Ratos: Contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **Antes do baile verde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

**ANEXOS**

## As Formigas

Quando minha prima e eu descemos do táxi já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Descansei a mala no chão e apertei o braço da prima.

— É sinistro.

Ela me impeliu na direção da porta. Tínhamos outra escolha? Nenhuma pensão nas redondezas oferecia um preço melhor a duas pobres estudantes, com liberdade de usar o fogareiro no quarto, a dona nos avisara por telefone que podíamos fazer refeições ligeiras com a condição de não provocar incêndio. Subimos a escada velhíssima, cheirando a creolina.

— Pelo menos não vi sinal de barata — disse minha prima.

A dona era uma velha balofa, de peruca mais negra do que a asa da graúna. Vestia um desbotado pijama de seda japonesa e tinha as unhas aduncas recobertas por uma crosta de esmalte vermelho-escuro descascado nas pontas encardidas.

Acendeu um charutinho.

— É você que estuda medicina? — perguntou soprando a fumaça na minha direção.

— Estudo direito. Medicina é ela.

A mulher nos examinou com indiferença. Devia estar pensando em outra coisa quando soltou uma baforada tão densa que precisei desviar a cara. A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de vidrilho.

— Vou mostrar o quarto, fica no sótão — disse ela em meio a um acesso de tosse. Fez um sinal para que a seguíssemos.

— O inquilino antes de vocês também estudava medicina, tinha um caixotinho de ossos que esqueceu aqui, estava sempre mexendo neles.

Minha prima voltou-se:

— Um caixote de ossos?

A mulher não respondeu, concentrada no esforço de subir a estreita escada de caracol que ia dar no quarto. Acendeu a luz. O quarto não podia ser menor, com o teto em declive tão acentuado que nesse trecho teríamos que entrar de gatinhas. Duas camas, dois armários e uma cadeira de palhinha pintada de dourado. No ângulo onde o teto quase se encontrava com o assoalho, estava um caixotinho coberto com um pedaço de plástico. Minha prima largou a mala e pondo-se de joelhos puxou o caixotinho pela alça de corda.

Levantou o plástico. Parecia fascinada.

— Mas que ossos tão miudinhos! São de criança?

— Ele disse que eram de adulto. De um anão.

— De um anão? É mesmo, a gente vê que já estão formados...

Mas que maravilha, é raro à beça esqueleto de anão. E tão limpo, olha aí — admirou-se ela. Trouxe na ponta dos dedos um pequeno crânio de uma brancura de cal. — Tão perfeito, todos os dentinhos!

— Eu ia jogar tudo no lixo, mas se você se interessa pode ficar com ele. O banheiro é aqui ao lado, só vocês é que vão usar, tenho o meu lá embaixo. Banho quente, extra. Telefone, também. Café das sete às nove, deixo a mesa posta na cozinha com a garrafa térmica, fechem bem a garrafa — recomendou coçando a cabeça. A peruca se deslocou ligeiramente. Solto uma baforada final: — Não deixem a porta aberta senão meu gato foge.

Ficamos nos olhando e rindo enquanto ouvíamos o barulho dos seus chinelos de salto na escada. E a tosse encatarrada. Esvaziei a mala, dependurei a blusa amarrotada num cabide que enfiei num vão da veneziana, preendi na parede, com durex, uma gravura de Grassmann e sentei meu urso de pelúcia em cima do travesseiro. Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, desatarraxar a lâmpada fraquíssima que pendia de um fio solitário no meio do teto e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas que tirou da sacola. O quarto ficou mais alegre. Em compensação, agora a gente podia ver que a roupa de cama não era tão alva assim, alva era a pequena tibia que ela tirou de dentro do caixotinho. Examinou-a. Tirou uma vértebra e olhou pelo buraco tão reduzido como o aro de um anel. Guardou-as com a delicadeza com que se amontoam ovos numa caixa.

— Um anão. Raríssimo, entende? E acho que não falta nenhum ossinho, vou trazer as ligaduras, quero ver se no fim da semana começo a montar ele.

Abrimos uma lata de sardinha que comemos com pão, minha prima tinha sempre alguma lata escondida, costumava estudar até a madrugada e depois fazia sua ceia. Quando acabou o pão, abriu um pacote de bolacha Maria.

— De onde vem esse cheiro? — perguntei farejando. Fui até o caixotinho, voltei, cheirei o assoalho. — Você não está sentindo um cheiro meio ardido?

— É de bolor. A casa inteira cheira assim — ela disse. E puxou o caixotinho para debaixo da cama.

No sonho, um anão louro de colete xadrez e cabelo repartido no meio entrou no quarto fumando charuto. Sentou-se na cama da minha prima, cruzou as pernas e ali ficou muito sério, vendo-a dormir. Eu quis gritar, Tem um anão no quarto! mas acordei antes. A luz estava acesa. Ajoelhada no chão, ainda vestida, minha prima olhava fixamente algum ponto do assoalho.

— Que é que você está fazendo aí? — perguntei.

— Essas formigas. Apareceram de repente, já enturmadas. Tão decididas, está vendo?

Levantei e dei com as formigas pequenas e ruivas que entravam em trilha espessa pela fresta debaixo da porta, atravessavam o quarto, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar.

— São milhares, nunca vi tanta formiga assim. E não tem trilha de volta, só de ida — estranhei.

— Só de ida.

Contei-lhe meu pesadelo com o anão sentado em sua cama.

— Está debaixo dela — disse minha prima e puxou para fora o caixotinho. Levantou o plástico. — Preto de formiga! Me dá o vidro de álcool.

— Deve ter sobrado alguma coisa aí nesses ossos e elas descobriram, formiga descobre tudo. Se eu fosse você, levava isso lá pra fora.

— Mas os ossos estão completamente limpos, eu já disse. Não ficou nem um fiapo de cartilagem, limpíssimos. Queria saber o que essas bandidas vêm fuçar aqui.

Respingou fartamente o álcool em todo o caixote. Em seguida, calçou os sapatos e, como uma equilibrista andando no fio de arame, foi pisando firme, um pé diante do outro na trilha de formigas. Foi e voltou duas vezes. Apagou o cigarro. Puxou a cadeira. E ficou olhando dentro do caixotinho.

— Esquisito. Muito esquisito.

— O quê?

— Me lembro que botei o crânio em cima da pilha, me lembro que até calcei ele com as omoplatas para não rolar. E agora ele está aí no chão do caixote, com uma omoplata de cada lado. Por acaso você mexeu aqui?

— Deus me livre, tenho nojo de osso! Ainda mais de anão.

Ela cobriu o caixotinho com o plástico, empurrou-o com o pé e levou o fogareiro para a mesa, era a hora do seu chá. No chão, a trilha de formigas mortas era agora uma fita escura que encolheu. Uma formiguinha que escapou da matança passou perto do meu pé, já ia esmagá-la quando vi que levava as mãos à cabeça, como uma pessoa desesperada. Deixei-a sumir numa fresta do assoalho.

Voltei a sonhar aflitivamente, mas dessa vez foi o antigo pesadelo com os exames, o professor fazendo uma pergunta atrás da outra e eu muda diante do único ponto que não tinha estudado. Às seis horas o despertador disparou veementemente. Travei a campainha. Minha prima dormia com a cabeça coberta. No banheiro, olhei com atenção para as paredes, para o chão de cimento, à procura delas. Não vi nenhuma. Voltei pisando na ponta dos pés e então entreabri as folhas da veneziana. O cheiro suspeito da noite tinha desaparecido. Olhei para o chão: desaparecera também a trilha do exército massacrado. Espiei debaixo da cama e não vi o menor movimento de formigas no caixotinho coberto.

Quando cheguei por volta das sete da noite, minha prima já estava no quarto. Achei-a tão abatida que carreguei no sal da omelete, tinha a pressão baixa. Comemos num silêncio voraz. Então me lembrei.

— E as formigas?

— Até agora, nenhuma.

— Você varreu as mortas?

Ela ficou me olhando.

— Não varri nada, estava exausta. Não foi você que varreu?

— Eu?! Quando acordei, não tinha nem sinal de formiga nesse chão, estava certa que antes de deitar você juntou tudo... Mas então, quem?!

Ela apertou os olhos estrábicos, ficava estrábica quando se preocupava.

— Muito esquisito mesmo. Esquisitíssimo.

Fui buscar o tablete de chocolate e perto da porta senti de novo o cheiro, mas seria bolor? Não me parecia um cheiro assim inocente, quis chamar a atenção da minha prima para esse aspecto, mas ela estava tão deprimida que achei melhor ficar quieta. Espargi água-de-colônia Flor de Maçã por todo o quarto (e se ele cheirasse como um pomar?) e fui deitar cedo. Tive o segundo tipo de sonho, que competia nas repetições com o tal sonho da prova oral, nele eu marcava encontro com dois namorados ao mesmo tempo. E no mesmo lugar. Chegava o primeiro e minha aflição era levá-lo embora dali antes que chegasse o segundo. O segundo, desta vez, era o anão. Quando só restou o oco de silêncio e sombra, a voz da minha prima me fisgou e me trouxe para a superfície. Abri os olhos com esforço. Ela estava sentada na beira da minha cama, de pijama e completamente estrábica.

— Elas voltaram.

— Quem?

— As formigas. Só atacam de noite, antes da madrugada. Estão todas aí de novo.

A trilha da véspera, intensa, fechada, seguia o antigo percurso da porta até o caixotinho de ossos por onde subia na mesma formação até desformigar lá dentro. Sem caminho de volta.

— E os ossos?

Ela se enrolou no cobertor, estava tremendo.

— Aí é que está o mistério. Aconteceu uma coisa, não entendo mais nada! Acordei pra fazer pipi, devia ser umas três horas. Na volta, senti que no quarto tinha algo mais, está me entendendo? Olhei pro chão e vi a fila dura de formigas, você se lembra? Não tinha nenhuma quando chegamos. Fui ver o caixotinho, todas se trançando lá dentro, lógico, mas não foi isso o que quase me fez cair pra trás, tem uma coisa mais grave: é que os ossos estão mesmo mudando de posição, eu já desconfiava, mas agora estou certa, pouco a pouco eles estão... Estão se organizando.

— Como, se organizando?

Ela ficou pensativa. Comecei a tremer de frio, peguei uma ponta do seu cobertor. Cobri meu urso com o lençol.

— Você lembra, o crânio entre as omoplatas, não deixei ele assim. Agora é a coluna vertebral que já está quase formada, uma vértebra atrás da outra, cada ossinho tomando o seu lugar, alguém do ramo está montando o esqueleto, mais um pouco e... Venha ver!

— Credo, não quero ver nada. Estão colando o anão, é isso?

Ficamos olhando a trilha rapidíssima, tão apertada que nela não caberia sequer um grão de poeira. Pulei-a com o maior cuidado quando fui esquentar o chá. Uma formiguinha desgarrada (a mesma daquela noite?) sacudia a cabeça entre as mãos. Comecei a rir e tanto que se o chão não estivesse ocupado, rolaria por ali de tanto rir. Dormimos juntas na minha cama. Ela dormia ainda quando saí para a primeira aula. No chão, nem sombra de formiga, mortas e vivas desapareciam com a luz do dia.

Voltei tarde essa noite, um colega tinha se casado e teve festa. Vim animada, com vontade de cantar, passei da conta. Só na escada é que me lembrei: o anão. Minha prima arrastara a mesa para a porta e estudava com o bule fumegando no fogareiro.

— Hoje não vou dormir, quero ficar de vigia — ela avisou.

O assoalho ainda estava limpo. Me abracei ao urso.

— Estou com medo. Ela foi buscar uma pílula para atenuar minha ressaca, me fez engolir a pílula com um gole de chá e ajudou a me despir.

— Fico vigiando, pode dormir sossegada. Por enquanto não apareceu nenhuma, não está na hora delas, é daqui a pouco que começa. Examinei com a lupa debaixo da porta, sabe que não consigo descobrir de onde brotam?

Tombei na cama, acho que nem respondi. No topo da escada o anão me agarrou pelos pulsos e rodopiou comigo até o quarto, Acorda, acorda! Demorei para reconhecer minha prima que me segurava pelos cotovelos. Estava lívida. E vesga.

— Voltaram — ela disse.

Apertei entre as mãos a cabeça dolorida.

— Estão aí?

Ela falava num tom miúdo, como se uma formiguinha falasse com sua voz.

— Acabei dormindo em cima da mesa, estava exausta. Quando acordei, a trilha já estava em plena movimentação. Então fui ver o caixotinho, aconteceu o que eu esperava...

— O que foi? Fala depressa, o que foi? Ela firmou o olhar oblíquo no caixotinho debaixo da cama.

— Estão mesmo montando ele. E rapidamente, entende? O esqueleto já está inteiro, só falta o fêmur. E os ossinhos da mão esquerda, fazem isso num instante. Vamos embora daqui.

— Você está falando sério?

— Vamos embora, já arrumei as malas.

A mesa estava limpa e vazios os armários escancarados.

— Mas sair assim, de madrugada? Podemos sair assim?

— Imediatamente, melhor não esperar que a bruxa acorde. Vamos, levanta!

— E para onde a gente vai?

— Não interessa, depois a gente vê. Vamos, vista isto, temos que sair antes que o anão fique pronto.

Olhei de longe a trilha: nunca elas me pareceram tão rápidas. Calcei os sapatos, descolei a gravura da parede, enfié o urso no bolso da japona e fomos arrastando as malas pelas escadas, mais intenso o cheiro que vinha do quarto, deixamos a porta aberta. Foi o gato que miou comprido ou foi um grito?

No céu, as últimas estrelas já empalideciam. Quando encarei a casa, só a janela vazada nos via, o outro olho era penumbra.

### Venha ver o pôr-do-sol

Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios. No meio da rua sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde.

Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante.

- Minha querida Raquel.

Ela encarou-o, séria. E olhou para os próprios sapatos.

- Veja que lama. Só mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. Que idéia, Ricardo, que idéia! Tive que descer do táxi lá longe, jamais ele chegaria aqui em cima.

Ele riu entre malicioso e ingênuo.

- Jamais? Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância! Quando você andava comigo, usava uns sapatões de sete léguas, lembra?

Foi para me dizer isso que você me fez subir até aqui? – perguntou ela, guardando as luvas na bolsa.

Tirou um cigarro. - Hein?!

Ah, Raquel... - e ele tomou-a pelo braço. Você, está uma coisa de linda. E fuma agora uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado...

Juro que eu tinha que ver ainda uma vez toda essa beleza, sentir esse perfume. Então? Fiz mal?

Podia ter escolhido um outro lugar, não? -Abrandara a voz. - E que é isso aí? Um cemitério?

Ele voltou-se para o velho muro arruinado. Indicou com o olhar o portão de ferro, carcomido pela ferrugem.

- Cemitério abandonado, meu anjo. Vivos e mortos, desertaram todos. Nem os fantasmas sobraram, olha aí como as criancinhas brincam sem medo acrescentou apontando as crianças na sua ciranda.

Ela tragou lentamente. Soprou a fumaça na cara do companheiro.

- Ricardo e suas idéias. E agora? Qual o programa?

Brandamente ele a tomou pela cintura.

- Conheço bem tudo isso, minha gente está, enterrada aí. Vamos entrar um instante e te mostrarei o pôr-do-sol mais lindo do mundo.

Ela encarou-o um instante. Envergonhou a cabeça para trás numa risada.

- Ver o pôr-do-sol!... Ali, meu Deus... Fabuloso, fabuloso!... Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr-do-sol num cemitério...

Ele riu também, afetando encabulamento como um menino pilhado em falta.

- Raquel, minha querida, não faça assim comigo. Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda, como se isso fosse possível. Moro agora numa pensão horrenda, a dona é uma Medusa que vive espiando pelo buraco da fechadura...

- E você acha que eu iria?

- Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima.

Então pensei, se pudéssemos conversar um pouco numa rua afastada... - disse ele, aproximando-se mais. Acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos. Ficou sério. E aos poucos, inúmeras rugazinhas foram-se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígio.

Voltou-lhe novamente o ar inexperiente e meio desatento. – Você fez bem em vir.

- Quer dizer que o programa... E não podíamos tomar alguma coisa num bar?

- Estou sem dinheiro, meu anjo, vê se entende.

- Mas eu pago.

- Com o dinheiro dele? Prefiro beber formicida. Escolhi este passeio porque é de graça e muito decente, não pode haver um passeio mais decente, não concorda comigo? Até romântico.

Ela olhou em redor. Puxou o braço que ele apertava.

- Foi um risco enorme, Ricardo. Ele é ciumentíssimo. Está farto de saber que tive meus casos. Se nos pilha juntos, então sim, quero só ver se alguma das suas fabulosas idéias vai me consertar a vida.

- Mas me lembrei deste lugar justamente porque não quero que você se arrisque, meu anjo. Não tem lugar mais discreto do que um cemitério abandonado, veja, completamente abandonado – prosseguiu ele, abrindo o portão. Os velhos gonzos geram. - Jamais seu amigo ou um amigo do seu amigo saberá que estivemos aqui.

- É um risco enorme, já disse. Não insista nessas brincadeiras, por favor. E se vem um enterro? Não suporto enterros.

Mas enterro de quem? Raquel, Raquel, quantas vezes preciso repetir a mesma coisa?! Há séculos ninguém mais é enterrado aqui, acho que nem os ossos sobraram, que bobagem. Vem comigo, pode me dar o braço, não tenha medo.

O mato rasteiro dominava tudo. E não satisfeito de ter-se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrara-se ávido pelos rachões dos mármore, invadira as alamedas de pedregulhos esverdinhados, como se quisesse com sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte. Foram andando pela longa alameda banhada de sol. Os passos de ambos ressoavam sonoros como uma estranha música feita do som das folhas secas trituradas sobre os pedregulhos. Amuada mas obediente, ela se deixava conduzir como uma criança. Às vezes mostrava certa curiosidade por uma ou outra sepultura com os pálidos, medalhões de retratos esmaltados.

- É imenso, hein? E tão miserável, nunca vi um cemitério mais miserável, que deprimente - exclamou ela, atirando a ponta do cigarro na direção de um anjinho de cabeça decepada. - Vamos embora, Ricardo, chega.

- Ali, Raquel, olha um pouco para esta tarde! Deprimente por quê? Não sei onde foi que eu li, a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa ambigüidade. Estou-lhe dando um crepúsculo numa bandeja, e você se queixa.

- Não gosto de cemitério, já disse. E ainda mais cemitério pobre.

Delicadamente ele beijou-lhe a mão.

- Você prometeu dar um fim de tarde a este seu escravo.

- É, mas fiz mal. Pode ser muito engraçado, mas não quero me arriscar mais.

- Ele é tão rico assim?

- Riquíssimo. Vai me levar agora numa viagem fabulosa até o Oriente. Já ouviu falar no Oriente? Vamos até o Oriente, meu caro...

Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram.

- Eu também te levei um dia para passear de barco, lembra?

Recostando a cabeça no ombro do homem, ela retardou o passo.

- Sabe, Ricardo, acho que você é mesmo meio tantã... Mas apesar de tudo, tenho às vezes saudade daquele tempo. Que ano aquele! Quando penso, não entendo como agüentei tanto, imagine, um ano!

- É que você tinha lido A Dama das Camélias, ficou assim toda frágil, toda sentimental. E agora? Que romance você está lendo agora?

- Nenhum - respondeu ela, franzindo os lábios. Deteve-se para ler a inscrição de uma laje despedaçada: minha querida esposa, eternas saudades - leu em voz baixa. - Pois sim. Durou pouco essa eternidade.

Ele atirou o pedregulho num canteiro ressequido.

- Mas é esse abandono na morte que faz o encanto disto. Não se encontra mais a menor intervenção dos vivos, a estúpida intervenção dos vivos. Veja - disse apontando uma sepultura fendida, a erva daninha brotando insólita de dentro da fenda -, o musgo já cobriu o nome na pedra. Por cima do musgo, ainda virão as raízes, depois as folhas... Esta a morte perfeita, nem lembrança, nem saudade, nem o nome sequer. Nem isso.

Ela aconchegou-se mais a ele. Bocejou.

- Está bem, mas agora vamos embora que já me diverti muito, faz tempo que não me divirto tanto, só mesmo um cara como você podia me fazer divertir assim. - Deu-lhe um rápido beijo na face.

-Chega, Ricardo, quero ir embora.

- Mais alguns passos...

- Mas este cemitério não acaba mais, já andamos quilômetros! - Olhou para trás. - Nunca andei tanto, Ricardo, vou ficar exausta.

- A boa vida te deixou preguiçosa? Que feio - lamentou ele, impelindo-a para a frente. - Dobrando esta alameda, fica o jazigo da minha gente, é de lá que se vê o pôr-do-sol. Sabe, Raquel, andei muitas vezes por aqui de mãos dadas com minha prima. Tínhamos então doze anos. Todos os domingos minha mãe vinha trazer flores e arrumar nossa capelinha onde já estava enterrado meu pai. Eu e minha priminha vínhamos com ela e ficávamos por aí, de mãos dadas, fazendo tantos planos. Agora as duas estão mortas.

- Sua prima também?

Também. Morreu quando completou quinze anos. Não era propriamente bonita, mas tinha uns olhos... Eram assim verdes como os seus, parecidos com os seus. Extraordinário, Raquel, extraordinário como vocês duas... Penso agora que toda a beleza-dela residia apenas nos olhos, assim meio oblíquos, como os seus.

Vocês se amaram?

Ela me amou. Foi a única criatura que... Fez um gesto. - Enfim, não tem importância.

Raquel tirou-lhe o cigarro, trago e depois devolveu-o.

- Eu gostei de você, Ricardo.'

-E eu te amei.. E te amo ainda. Percebe agora a diferença?

Um - pássaro rompeu cipreste e soltou um grito. Ela estremeceu.

- Esfriou, não? Vamos embora.

- Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos.

Pararam diante de uma capelinha coberta: de alto a baixo por uma trepadeira selvagem, que a envolvia num furioso abraço de cipós e folhas. A estreita porta rangeu quando ele a abriu de par em par.

A luz invadiu um cubículo de paredes enegrecidas, cheias de estrias de antigas goteiras. No centro do cubículo, um altar meio desmantelado, coberto por uma toalha que adquirira a cor do tempo.

Dois vasos de desbotada opalina ladeavam um tosco crucifixo de madeira. Entre os braços da cruz, uma aranha tecera dois triângulos de teias já rompidas, pendendo como farrapos de um manto que alguém colocara sobre os ombros do Cristo. Na parede lateral, à direita da porta, uma portinhola de ferro dando acesso para uma escada de pedra, descendo em caracol para a catacumba.

Ela entrou na ponta dos pés, evitando roçar mesmo de leve naqueles restos da capelinha.

Que triste que é isto, Ricardo. Nunca mais você esteve aqui? Ele tocou na face da imagem recoberta de poeira. Sorriu, melancólico.

- Sei que você gostaria de encontrar tudo limpinho, flores nos vasos, velas, sinais da minha dedicação, certo? Mas já disse que o que mais amo neste cemitério é precisamente este abandono, esta solidão.

As pontes com o outro mundo foram cortadas e aqui a morte se isolou total. Absoluta.

Ela adiantou-se e espiou através das enferrujadas barras de ferro da portinhola. Na semiobscuridade do subsolo, os gavetões se estendiam ao longo das quatro paredes que formavam um estreito retângulo cinzento.

- E lá embaixo?

- Pois lá estão as gavetas. E, nas gavetas, minhas raízes. Pó, meu anjo, pó - murmurou ele. Abriu a portinhola e desceu a escada.

Aproximou-se de uma gaveta no centro da parede, segurando firme na alça de bronze, como se fosse puxá-la. - A cômoda de pedra. Não é grandiosa?

Detendo-se no topo da escada, ela inclinou-se mais para ver melhor.

- Todas essas gavetas estão cheias?

- Cheias?... Só as que têm o retrato e a inscrição, está vendo?

Nesta está o retrato da minha mãe, aqui ficou minha mãe - prosseguiu ele, tocando com as pontas dos dedos num medalhão esmaltado embutido no centro da gaveta. Ela cruzou os braços. Falou baixinho, um ligeiro tremor na voz.

- Vamos, Ricardo, vamos.

- Você está com medo.

- Claro que não, estou é com frio. Suba e vamos embora, estou com frio!

Ele não respondeu. Adiantara-se até um dos gavetões na parede oposta e acendeu um fósforo. Inclinou-se para o medalhão frouxamente iluminado.

- A priminha Maria Emília. Lembro-me até do dia em que tirou esse retrato, duas semanas antes de morrer... Prendeu os cabelos com uma fita azul e veio se exibir, estou bonita? Estou bonita?... - Falava agora consigo mesmo, doce e gravemente. - Não é que fosse bonita, mas os olhos... Venha ver, Raquel, é impressionante como tinha olhos iguais aos seus.

Ela desceu a escada, encolhendo-se para não esbarrar em nada.

- Que frio faz aqui. E que escuro, não estou enxergando !

Acendendo outro fósforo, ele ofereceu-o à companheira.

- Pegue, dá para ver muito bem... - Afastou-se para o lado. - Repare nos olhos.

Mas está tão desbotado, mal se vê que é uma moça... - Antes da chama se apagar, aproximou-a da inscrição feita na pedra. Leu em voz alta, lentamente. - Maria Emília, nascida em vinte de maio de mil e oitocentos e falecida... - Deixou cair o palito e ficou um instante imóvel. - Mas esta não podia ser sua namorada, morreu há mais de cem anos ! Seu menti...

Um baque metálico decepou-lhe a palavra pelo meio. Olhou em redor.

A peça estava deserta. Voltou o olhar para a escada. No topo,

Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso - meio inocente, meio malicioso.

- Isto nunca foi o jazigo da sua família, seu mentiroso!

Brincadeira mais cretina! - exclamou ela, subindo rapidamente a escada. - Não tem graça nenhuma, ouviu?

Ele esperou que ela chegasse quase a tocar o trinco da portinhola de ferro. Então deu uma volta à chave, arrancou-a da fechadura e saltou para trás.

Ricardo, abre isto imediatamente! Vamos, imediatamente! - ordenou, torcendo o trinco. - Detesto este tipo de brincadeira, você sabe disso. Seu idiota! É no que dá seguir a cabeça de um idiota desses. Brincadeira mais estúpida!

- Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta tem uma frincha na porta. Depois vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr-do-sol mais belo do mundo.

Ela sacudia a portinhola.

- Ricardo, chega, já disse! Chega! Abre imediatamente, imediatamente! - Sacudiu a portinhola com mais força ainda, agarrou-se a ela, dependurando-se por entre as grades. Ficou ofegante, os olhos cheios de lágrimas. Ensaçou um sorriso. - Ouça, meu bem, foi engraçadíssimo, mas agora preciso ir mesmo, vamos, abra...

Ele já não sorria. Estava sério, os olhos diminuídos. Em redor deles, reapareceram as rugazinhas abertas em leque.

Boa noite, Raquel..

Chega, Ricardo! Você vai me pagar!... - gritou ela, estendendo os braços por entre as grades, tentando agarrá-lo. - Cretino! Me dá a chave desta porcaria, vamos! - exigiu, examinando a fechadura nova em folha. - Examinou em seguida as grades cobertas por uma crosta de ferrugem. Imobilizou-se. Foi erguendo o olhar até a chave que ele balançava pela argola, como um pêndulo. Encarou-o, apertando contra a grade a face sem cor. Ebugalhou os olhos num espasmo e amoleceu o corpo. Foi escorregando. -Não, não...

Voltado ainda para ela, ele chegara até a porta e abriu os braços. Foi puxando, as duas folhas escancaradas.

- Boa noite, meu anjo.

Os lábios dela se pregavam um ao outro, como se, entre eles houvesse cola. Os olhos rodavam pesadamente numa expressão embrutecida.

- Não..

Guardando a chave no bolso, ele retomou o caminho percorrido.: No breve silêncio, o som dos pedregulhos se entrecrocando úmidos sob seus sapatos. E, de repente, o grito medonho, inumano:

NÃO!

Durante algum tempo ele ainda ouviu os gritos que se multiplicaram, semelhantes aos de, um animal sendo, estraçalhado.

Depois, os uivos foram ficando mais remotos, abafados como se viessem das profundezas da terra. Assim que atingiu o portão do cemitério, ele lançou ao poente um olhar mortício. Ficou atento.

Nenhum ouvido humano escutaria agora, qualquer chamado. -Acendeu um cigarro e foi descendo a ladeira. Crianças ao longe brincavam de roda.

### Natal na Barca

Não quero nem devo lembrar daqui por que me encontrava naquela barca. Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E me sentia bem naquela solidão. Naquela embarcação desconfortável, tosca, apenas quatro passageiros. Uma lanterna nos iluminava com sua luz vacilante: um velho, uma mulher com uma criança e eu.

O velho, um bêbado esfarrapado, deitaram-se de comprido no banco, dirigia palavras amenas a um vizinho invisível e agora dormia. A mulher estava sentada entre nós, apertando nos braços a criança enrolada em panos. Era uma mulher jovem e pálida. O longo manto escuro que lhe cobria a cabeça dava-lhe o aspecto de uma figura antiga.

Pensei em falar-lhe assim que entrei na barca. Mas já devemos estar quase no fim da viagem e até aquele instante não me ocorrera dizer-lhe qualquer palavra. Nem combinava mesmo com a barca tão despojada, tão sem artifícios, a ociosidade de um diálogo. Estávamos sós. E o melhor ainda era não fazer nada, não dizer nada, apenas olhar o sulco negro que a embarcação ia fazendo no rio.

Debrucei-me na grade de madeira carcomida. Acendi um cigarro. Ali estávamos os quatro, silenciosos como mortos num antigo barco de mortos deslizando na escuridão. Com tudo, estávamos vivos. E era Natal.

A caixa de fósforos escapou-me das mãos e quase resvalou para o rio. Agachei-me para apanhá-la. Sentido então alguns respingos no rosto, enclinei-me mais até mergulhar as pontas dos dedos na água.

- Tão gelada - estranhei, enxugando a mão.

- Mas de manhã é quente.

Voltei-me para a mulher que embalava a criança e me observava com meio sorriso. Sentei-me no banco ao seu lado. Tinha belos olhos claros, extraordinariamente brilhantes. Vi suas roupas ruídas tinham muito caráter, revestidas de uma certa dignidade.

- De manhã este rio é quente - insistiu ela, me encarando.

- Quente?

- Quente e verde, tão verde que a primeira vez que lavei nele uma peça de roupa, pensei que a roupa fosse sair esverdeada. É a primeira vez que vem por estas bandas?

Desviei o olhar para o chão de largas tábuas gastas.

E respondi com uma outra pergunta:

- Mas a senhora mora aqui por perto?

- Em Lucena. Já tomei esta barca não sei quantas vezes, mas não esperava que justamente hoje...

A criança agitou-se, choramingando. A mulher apertou-a mais contra o peito. Cobriu-lhe a cabeça com o xale e pôs-se a niná-la com um brando movimento de cadeira de balanço. Suas mãos destacava-se exaltadas sobre o xale preto, mas o rosto era tranquilo.

- Seu filho?

- É. Está doente, vou ao especialista, o farmacêutico de Lucena achou que devia consultar um médico hoje mesmo. Ainda ontem ele estava bem, mas de repente piorou. Uma febre, só febre....- Levantou a cabeça com energia. O queixo agudo era altivo, mas o olhar tinha a expressão doce. - Só sei que Deus não vai me abandonar.

- É o caçula?

- É o único. O meu primeiro morreu o ano passado. Subiu no muro, estava brincando de mágico quando de repente avisou, 'vou voar!' . A queda não foi grande, o muro não era alto, mas caiu de tal jeito.....tinha pouco mais de quatro anos.

Atirei o cigarro na direção do rio, mas o toco bateu na grade e voltou, rolando aceso pelo chão. Alcancei-o com a ponta do sapato e fiquei a esfregá-lo devagar. Era preciso desviar o assunto para aquele filho que estava ali, doente, embora. Mas vivo.

- E esse? Que idade tem?

- Vai completar um ano. - E, no outro tom, inclinando a cabeça para o ombro: - Era um menino tão bonzinho, tão alegre. Tinha verdadeira mania com mágicas. Claro que não saía nada, mas era muito engraçado...Só a última mágica que fez foi perfeita., 'Vou voar', disse abrindo os braços. E voou.

Levantei-me. Eu queria ficar só naquela noite, sem lembranças, sem piedade. Mas os laços - os tais laços humanos - já ameaçavam me envolver. Conseguira evitá-los até aquele instante. Mas agora não tinha forças para rompê-los.

- Seu marido está a sua espera?

- Meu marido me abandonou.

Sentei-me novamente e tive vontade de rir. Era incrível. Fora uma loucura fazer a primeira pergunta, mas agora não podia mais parar.

- Há muito tempo?

- Faz uns seis meses. Imagine que nós vivíamos tão bem, mas tão bem! Quando ele encontrou por acaso com uma antiga namorada, falou comigo sobre ela, fez até uma brincadeira, 'a Duca enfeiou, de nós dois fui eu

que acabei ficando mais bonito...' E não falou mais no assunto. Uma manhã ele levantou como todas as manhãs, tomou café, leu o jornal, brincou com o menino e foi trabalhar. Antes de sair ainda me acenou, e eu estava na cozinha lavando a louça e ele me acenou através da tela de arame da porta, me lembro até que eu quis abrir a porta, não gosto de ver ninguém falar comigo com aquela tela de arame no meio...Mas eu estava com mão molhada. Recebi a carta de tardinha, ele mandou uma carta. Fui morar com minha mãe numa casa que alugamos perto da minha escolinha. Sou professora.

Fixei-me nas nuvens tumultuadas que corriam na mesma direção do rio. Incrível. Ia contando as sucessivas desgraças com tamanha calma, num tom de quem relata fatos sem ter participado. Deles realmente. Como se não bastasse a pobreza que espiava pelos remendos da sua roupa, perdera o filhinho, o marido, e ainda via pairar uma sombra sobre o segundo filho que ninava nos braços. E ali estava sem a menor revolta, confiante. Intocável. Apatia? Não, não podiam ser de uma apática aqueles olhos vivíssimos e aquelas mãos enérgicas. Inconsciência? Uma obscura irritação me fez sorrir.

- A senhora é conformada.

- Tenho fé. Deus nunca me abandonou.

Deus, repeti vagamente.

- O senhor não acredita em Deus?

- Acredito - murmurei. E, ao ouvir o som débil da minha afirmativa sem saber por que, perturbei-me. Agora entendia. Af estava o segredo daquela confiança, daquela calma. Era tal fé que removia montanhas....

Ela mudou a posição da criança, passando-a do ombro direito para o esquerdo. E começou, com voz quente de paixão:

- Foi logo depois da morte de meu menino. Acordei uma noite tão desesperada que saí pela rua a fora, enfiei um casaco e saí descalçada e chorando feito louca, chamando por ele...Sentei num banco do jardim onde toda à tarde ele ia brincar. E fiquei pedindo, pedindo com tanta força, que ele gostava tanto de mágica, fizesse essa mágica de me aparecer só mais uma vez, não precisava ficar, só se mostrasse um instante, e ao menos mais uma vez, só mais uma! Quando fiquei sem lágrimas, encostei a cabeça no banco e não sei como dormi. Então sonhei e no sonho Deus me apareceu, quer dizer, senti que ele pegava na minha mão com sua mão de luz. E vi o meu menino brincando com o Menino Jesus no jardim do Paraíso. Assim que ele me viu, parou de brincar e veio ao meu encontro e me beijou tanto, tanto...Era tal sua alegria que acordei rindo também, com o sol batendo em mim.

Fiquei sem saber o que dizer. Esbocei um gesto e em seguida, apenas para fazer alguma coisa, levantei a ponta do xale que cobria a cabeça da criança. Deixei cair o xale novamente e voltei o olhar para o chão. O menino estava morto. Entrelacei as mãos para dominar o tremor que me sacudiu. Estava morto. A mãe continuava a niná-lo, apertando-o contra o peito. Mas ele estava morto.

Debrucei-me na grade da barca e respirei penosamente: era como se estivesse mergulhado até o pescoço naquela água. Senti que a mulher se agitou atrás de mim.

- Estamos chegando - anunciou.

Apanhei depressa minha pasta. O importante agora era sair, fugir antes que ela descobrisse, era terrível demais, não queria ver. Diminuindo a marcha, a barca fazia uma larga curva antes de atracar. O bilheteiro apareceu e pôs-se a sacudir o velho que dormia:

- Chegamos! Ei! Chegamos!..

Aproximei-me, evitando encará-la.

- Acho melhor nos despedirmos aqui - disse atropeladamente, estendendo a mão.

Ela pareceu não notar meu gesto. Levantou-se e fez um movimento como se fosse pegar a sacola. Ajudei-a, mas ao invés de apanhar a sacola que lhe estendi, antes mesmo que eu pudesse impedi-lo, afastou o xale que cobria a cabeça do filho.

- Acordou o dorminhoco! E olha aí, deve estar agora sem nenhuma febre.

- Acordou?!

Ela teve um sorriso.

- Veja...

Inclinei-me. A criança abriu os olhos - aqueles olhos que eu vira cerrados tão definitivamente. E bocejava, esfregando a mãozinha na face de novo corada. Fiquei olhando sem conseguir falar.

- Então, bom Natal! - disse ela, enfiando a sacola no braço.

Encarei-a. Sob o manto preto, de pontas cruzadas e atiradas para trás, seu rosto resplandecia. Apertei-lhe a mão vigorosa. E acompanhei-a com o olhar até que ela desapareceu na noite.

Conduzido pelo bilheteiro, o velho passou por mim reiniciando seu afetuoso diálogo como o vizinho invisível. Saí por último da barca. Duas vezes voltei-me ainda para ver o rio. E pude imaginá-lo como seria de manhã cedo: verde e quente. Verde e quente.